



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

# Avançar!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

## FOCOS DE GUERRA

Frete mundial de luta contra a guerra!

«O Economist» escrevia a 24 de Novembro último: «Se examinarmos com atenção a situação actual, vemos que por toda a parte se amontam matérias inflamáveis ensooadas de petróleo. Só falta pegar-lhes fogo.»

Esta é justamente a situação. Os Balkans persistem constituindo um foco de guerra. Ainda não estava apagado completamente o fogacho que foi aceso com o assassinato de Dollfuss e o qual deu uma clara expressão às maquinacões hitlerianas já novas maquinacões imperialistas conduziram ao duplo atentado de Marselha. A situação internacional tornou-se de novo tensa. Os últimos comunicados das agências telegráficas refletem, porém, que a S. das Nações conseguiu que reinasse de novo a calma...

Entretanto, a realidade demonstra que debaixo do manto da «calma» da S.D.N., envenenam-se os focos de guerra. A situação não está resolvida nos Balkans. A política dominante da Hungria é a revisão de fronteiras. Como a pequena «ente» demonstrou mais uma vez dum modo perentório que não cederá uma polegada à Hungria — sucede que a política geral húngara pressupõe a questão de guerra.

Persistem as cobiças italianas no terreno da Europa, para as bandas do noroeste e do nordeste. Prosseguem as conversações franco-italianas, mas os próprios jornais franceses declaram que em relação à remoção das cobiças italianas no terreno da Europa a questão mantém-se como há trez mezes.

Seguidamente a questão do Sarre a perspectiva dum acordo entre a França e a Alemanha a propósito do Sarre, acordo traçado no quadro da S.D.N., não exclue a questão de guerra, antes a coloca mais premente, lhe introduziu uma derivação e lhe desloca o centro de eclosão.

Tudo se encaminha para a entrada da população do Sarre à Alemanha hitleriana contra dinheiro. A Inglaterra toma a direcção do negocio.

Ao mesmo tempo, «a diplomacia britânica estimula no Extremo Oriente o imperialismo japonês a atacar a União Soviética no sentido da realização dum novo golpe de audacia contra o caminho de ferro do Leste Chinês e da penetração na Mongolia interior».

Trata-se do prosseguimento da velha política inglesa: impedir a guerra entre as potências imperialistas e lutar pela sua união em guerra contra a União Soviética.

Reforcemos a campanha de protesto contra as provocações anti-soviéticas do imperialismo japonês!

Todos firmes na frente mundial proletária de luta contra a guerra!

## As eleições para a «Assembleia Nacional», ou uma alta paródia fascista

O apuramento eleitoral transformou-se num parto imensamente laborioso. Só cinco dias após o domingo das grandes decisões, o domingo em que «a voz foi dada às urnas» é que os grandes rotativos anunciaram:

... 531.657 inscr. 431.777 vot. ...

E uma semana depois acrescentava-se que, em Lisboa, o deputado mais votado recebeu 47 mil e poucos sufrágios.

A isto tudo chamou o governo uma vitória estrondosa.

Para fabricar a sua «vitória estrondosa», os fascistas recorreram aos últimos extremos. O ministro da justiça disse, em Braga, que a Assembleia Nacional era... «um parlamento com personalidade que ia ao ponto de poder destituir o Presidente» («Diário de Notícias»). Salazar, por seu turno, segredou aos caciques «nem um voto a menos do que os já antes ganhos» (da Conferência do Presidente do Conselho). Seguidamente, a fornada da U. N. entou, por toda a parte, em tom policial «Abster-se é votar contra!». E não é tudo. Nas secções de voto foi criado um terceiro tempo, para as votações a monte. Por outro lado, na ancia de amedrontar as massas e de as forçar a votarem de chapá, foram fornecidas listas transparentes. E, por fim, o apuramento que veio a público, foi o apuramento do Ministério do Interior, e, tudo isso, só após 24 horas (em relação aos primeiros dados parciais), isto é, depois de se haverem joeirado, completamente, as listas que, apesar de tudo, as massas haviam anulado, em sinal de demonstração anti-fascista.

80 a 90 por cento do eleitorado ao lado do Governo — como eles afirmam — isso diria que o dia 16 e os precedentes haviam sido dias de um delírio de massas. Os factos, porém, falam doutro modo. Em Lisboa, por exemplo, nada mais se registou do que umas sessões em família. Os fascistas toram pregar a Santarém, onde não encontraram público. Sucedeu-lhes o mesmo em Almeirim. Ao fim e ao cabo, o dia decorreu monótono e sensaborão. Apenas nas Terras do Bouro, em Vimioso e em Tortozendo, dizem os jornais, houve manifestações.

Em contra partida, a campanha eleitoral, revigorou a indignação revolucionária da massa. Todos os cartazes eram rasgados umas horas depois de afixados. Multiplicaram-se as «voices e martelos», as iniciativas «P. C. P.» e as inscrições «Pão e

trabalho» e «Libertai Thaelmann». Tudo isto eleva a proporções de extraordinária falsificação a campanha e o acto eleitoral. Finalmente o mutismo da grande imprensa, a respeito dos resultados, os fundos do «Diário de Notícias», dedicados a prosa vária e a várias peças literárias, não revelam senão o desejo que os fascistas começaram a ter desde as primeiras horas, a de fazerem com que as massas esquecessem a comédia.

Os dados oficiais falam muito, apesar de tudo. 1.200.000 indivíduos com capacidade eleitoral em todo o país e 432.000 votantes, isso por dizer que só concorreram às urnas 36% do eleitorado. Melhor: 6,30 da população!

Em segundo lugar, esses dados revelaram que as mulheres não gostam do «Estado Novo» — acham-no velho, como dantes (votaram 350 mulheres!).

Em terceiro lugar revelam que a ditadura não conseguiu conquistar o grosso da coluna dos camponeses. Isto é tanto mais importante, quanto nos damos conta de que todo o acto eleitoral da ditadura foi conduzido sob o signo do combate furibundo e derradeiro ao Partido Comunista.

Por fim, o proletariado continua alheio à influência do fascismo. No Barreiro votaram 54,1º dos eleitores inscritos. No Porto 63,1º. O Distrito de Lisboa empresta um acrescentado realce a este facto. O número de «votantes» é de 68.274, enquanto que só o número de proprietários e de funcionários do Estado e Municipais é de 120.000 pessoas! A massa trabalhadora compõe-se de 180.580 indivíduos.

A alta paródia fascista do dia 16 não escapou à compressão das massas. No dia seguinte às eleições dizia-se já:

«Para borracheira já basta!»

O dia já provou que as grandes massas se encontram fora do eleitorado fascista e que, até, em grandes proporções, deram às abstenções um carácter ostensivo. Por outro lado, os fascistas não conseguiram ganhar-las aos Sindicatos Nacionais e às Casas do Povo.

Daqui, as eleições revelaram que a grande maioria da população do país já se encontra no terreno do despeito em relação à ditadura.

A nossa tarefa consiste em transformar este despeito em capacidade revolucionária da maioria do proletariado e dos camponeses, contra o reinado do fascismo, contra a ditadura capitalista, pelo Governo Operário e Camponês.

## Um documento inédito

(Engels na luta contra os anarquistas)

«O documento que a seguir se reproduz é o plano do discurso pronunciado por Dr. Engels na Conferência da 1ª Internacional realizada em Londres a 21 de Setembro de 1871. Nos seus discursos, Marx e Engels colocaram dum modo preciso a questão da luta pela ditadura do proletariado e a do papel do partido político da classe operária» (Extrato da Nota do Instituto de Marx - Engels - Lenine).

### O plano do discurso

1) Lourenço: a questão de princípio está resolvida (1)

2) A abstenção da política é impossível. A política de jornais é também uma política; todos os jornais partidários da abstenção, atacam o governo. Toda a questão se põe em saber como e em que medida deve ser feita a intervenção política. Isso depende das circunstâncias e não das receitas.

— A abstenção da política é uma coisa insensata: abstermo-nos para evitar que pessoas indignas possam ser eleitas; por consequência devemos resolver também de não depositar as cotizações na caixa, porque a caixa poderá fugir. Por consequência também não editar jornais porque o redactor pode tornar-se venal, tanto como um deputado.

3) O Partido operário, como partido político existe e que agir politicamente; pregar-lhe a abstenção da política, isso significa desagregar a Internacional. A simples abstenção da situação, a opressão política obriga os operários a ocuparem-se da política, para fins sociais. Os propagandistas da abstenção levam os operários a cair nos braços dos políticos burgueses. Após a Comunidade que pôz na ordem do dia a acção política dos operários, a abstenção da política é impossível.

4) Nós queremos a supressão das classes. O unico meio é o poder político do proletariado; poderemos abstermo-nos da política? Todos os partidários da abstenção da política se dizem revolucionários. A revolução é um acto superior da política e aquele que aspira à revolução deve reconhecer também os meios que a preparam, que educam os operários para a revolução e encaminha...

(Continua na 6ª página)

(1) Lourenço, bakunista espanhol havia declarado na conferencia que ele não tinha poderes para resolver sobre a questão da luta política do proletariado, visto que isso era uma «questão de principio» a submeter aos debates do Congresso Marx e Engels, indicaram que esta «questão de principio» já havia sido resolvida nos Estatutos da Internacional e também nas resoluções dos seus numerosos congressos.



U. R. S. S.

No limiar da construção definitiva do socialismo

As realizações gigantescas do II plano quinquenal

«A principal tarefa política do segundo plano quinquenal... consiste em vencer definitivamente as sobrevivências do capitalismo na economia e na consciência dos homens.» (Da XVII Conferência do P. C. da URSS).

Aquêles, sobretudo de entre os chefes anarquistas, que já não podem negar a realidade dos progressos da URSS, mas que continuam agarrados às receitas anarquistas, dizem a cada passo: «Aquilo é uma espécie de reprodução da experiência norte-americana; progride a indústria e a técnica é certo. Mas... nem só de pão vive o homem».

O «Estado Novo», que ainda não foi capaz de dar pão aos homens, apesar das grandes colheitas de trigo, também quer fazer crer as massas que o mais importante é o espírito da ideia... salazarista. Há uma certa relação, e não só a propósito de ideias e do «moral» entre uns e outros dos que acabam de sair apontados.

...E o que é certo é que a América do Norte já perdeu as rodas da sua rotação...

Passemos em breve revista o trabalho que a URSS vai realizar no período 1933-37.

O volume, no conjunto, da produção da indústria, exprimir-se-á, em 1937, por 92,7 biliões de rublos, contra 43 biliões, que era o seu nível em 1932. A produção de artigos de consumo, correrá à média anual de 18,5%, de elevação, ao passo que no primeiro plano esse aumento anual fora de 17%. A indústria local desempenhará um grande papel na produção destes artigos. Os artigos de grande consumo levam esta indústria a triplicar, naquele espaço, a sua capacidade de produção. Em 1937, 80% da produção industrial, deverão provir de fábricas absolutamente remodeladas de aparelhagem técnica. A maquinaria nova posta a funcionar nas fábricas e oficinas, deve representar 50 a 60% de toda a maquinaria em actividade no conjunto da economia nacional. Neste último intervalo deverão ser fabricados, pelo menos, mais 200 novos tipos de máquinas modernas. 80% da produção de ferro fundido provirá de fornos inteiramente mecanizados. A indústria da construção civil será mecanizada em 80%. Elevar-se-á de 9 véses o consumo da energia eléctrica. Os transportes e a agricultura receberão muito mais o concurso da energia eléctrica. Desenvolver-se-á, consideravelmente, o aquecimento nas indústrias e nas grandes cidades. A metalurgia vai levar a sua produção ao dobro. Realisar-se-ão progressos decisivos na indústria química. Multiplicar-se-á, dez véses, a produção de adubos para a agricultura. Crear-se-á uma série de novas produções químicas (tratamento químico do combustivel sólido: carvão, turfa, schistos, novas variedades de corantes, matérias plásticas, borracha sintética, etc.). Crear-se-á uma forte indústria de carnes. A

importância relativa da pesca mecanizada, será de 70%.

A produtividade do trabalho, que no primeiro plano quinquenal era de 41%, passará a 69%. Operar-se-á uma redução de 26% nos preços de revenda, o que representará, em 1937, uma redução de 13 biliões de rublos.

O crescimento da produção no conjunto da agricultura será de 43 biliões de rublos (preços de 1933). Produzir-se-ão 1.048 milhões de quintais de cereais, com um rendimento de 10 quintais por hectare. A produção da criação de gados deverá aumentar duas vezes e um quarto. O número de postos de material técnico passará para 6.000. 80% da produção agrícola provirão das culturas laboradas por tractores.

O tráfego ferroviário passará de 169 biliões de toneladas em 1932, para 300 biliões em 1937. Os transportes fluviais, de 25 biliões de toneladas para 51 biliões. Electrificar-se-ão 5.000 quilómetros de linha térrea; assentar-se-ão 9.500 quilómetros de novas linhas; aumentar-se-ão 8.500 quilómetros as

(Continua na 6ª página)

O auxilio prestado pelo S. V. I. nos últimos meses

Da fração comunista do Socorro Vermelho Internacional (Secção Portuguesa) recebemos um relatório da sua actividade, do qual extrairmos os balancetes referentes ao semestre que vai de Março a Agosto e aos meses de Setembro e Outubro de 1934.

Semestre de Março a Agosto

As receitas provenientes de: cotização, subsídios, venda de material de agitação e propaganda, donativos, selos «Solidariedade», subscrição nacional ..... 12.918,58

As despesas distribuídas por: auxilio a presos, a perseguidos e suas famílias, em assistência jurídica, em agitação e propaganda e organização, montaram a um total de ..... 12.918,58

Há a notar que o total da assistência a presos, perseguidos e famílias e em assistência jurídica foi de 9.608,500.

Setembro de 1934

As receitas provenientes de: cotização, donativos, subscrições, selos «Solidariedade», benefícios, e selos «Assistencia jurídica» e talisaram ..... 3.067,80

As despesas com: organização, assistência e agitação atingiram ..... 3.501,89

Para cobrir as despesas contraiu-se um empréstimo de ..... 434,500

Só com a assistência foram despendidos ..... 2.065,35

Os deportados dos Açores estão submetidos a um regime barbaro

Amnistia para todos os presos políticos e sociais!

Da Fortaleza de S. João Balista, em Angra do Heroísmo, recebemos a seguinte carta:

Camaradas

Estamos incomunicáveis há um ano; fomos submetidos, desde o início, aos maiores vexames e insultos. Não há higiene e a alimentação é intragável; toda a correspondência é violada e, a propósito de tudo e de nada chovem as ameaças.

Temos lutado por um melhor regimen. Aglutinamos á nossa volta presos de todas as tendências e, alguma coisa conseguimos.

Depois da chegada do Tribunal Militar Especial, a nossa situação piorou novamente. Os passeios de 2 horas por semana, que havíamos conquistado, foram nos retirados. Somos tratados como se fossemos os piores bandidos — aos empurrões, a soco, á coronhada á sabrada e por entre os mais revoltantes insultos e provocações.

O tenente Adelino Soares, antigo chefe da policia de informações em Coimbra, é quem tudo manda. Obedece-lhe o comandante do Depósito de Presos — Capitão Spínola de Mendonça —, os tenentes Raposo Pacheco e Pavão e o sargento Mota, sempre prontos a exercer as maiores violências contra nós.

Quando chegaram os ultimos 60 camaradas, nós saudá-mo-lós das

janêlas das camaratas. Tanto bastou para que os tenentes Soares e Raposo ordenassem a um cabo da Guarda que os agredissem.

Romperam protestos de todas as bandas. Os dois tenentes subiram ás camaratas e levaram tres camaradas para o «calijão». Este é uma prisão pétreca, de cujas paredes escorre continuamente água, em qualquer estação do ano.

Esta violencia originou novos protestos doutra camarata, donde os carrascos levaram mais tres camaradas, dentre os quais um doente, para a «poterna», segredo que deixa a perder de vista o do Aljube e os muitos outros das prisões do continente; foi preparado, de propósito, para ós, tendo-se-lhe enlaipado a porta de saída para os fossos. É um «redondo» semelhante aos que existem em S. Julião, pequenissimo, escavado em rocha viva, com 6 metros de profundidade, onde escorre constantemente agua... Neste tumulto lúgubre, onde querem liquidar os camaradas que protestam contra as violências de que somos vítimas, não se sabe quando é dia nem quando é noite. Um companheiro que ali esteve, saiu, passados dias, com um ataque de reumatismo.

Eis os nomes de alguns camaradas que tem passado pela «poterna» e pelo «calijão»:

José Libroto, funcionário publico, republicano; Arnaldo Simões, barbeiro, anarquista; Joaquim de Matos comunista; Jorge da Silva; Joaquim Pais; José de Almeida, anarquista; José Ventura, pedreiro; Manuel Rodrigues da Cunha Maia, padeiro; José Domingues, vidreiro, comunista; este, antes de ser metido no «calijão» foi barbaramente agredido pelo tenente Adelino; Govino Rodrigues, Eduardo Monteiro, médico veterinário comunista; Ernesto dos Santos, empregado de escriptorio, comunista; Mario Rodrigues Pio, caldeireiro, comunista; Carlos Ferreira, carpinteiro; Francisco de Campos, pintor, comunista; Alfredo Caldeira, pintor, comunista; Fernando Quirino, metalurgico, comunista; Manuel Alpedrinha, estudante, comunista; e muitos outros.

Daqui donde nos encontramos, lançamos um apelo aos operários e a todos os anti-fascistas para lutarem pela amnistia de todos os presos políticos e sociais.

Denunciem por toda a parte o regimen barbaro a que estamos sujeitos para nos arrancarem desta masmorra. Tereis, assim, mais umas centenas de camaradas a vosso lado, para derrubar mos juntos a ditadura e, com ela, o capitalismo que nos asfixia.

Saudações

Camradas, o S. V. I., é uma organização de auxilio ás vítimas da luta de classes. Hoje, em que a luta de classes se agudiza, em que os campos s: extremam e em que os choques são e da vez mais duros entre as classes sociais, o número de vítimas aumenta. As prisões ench m-se, os perseguidos pela ditadura são em numero cada vez maior.

O S. V. I., para socorrer as vítimas causadas pela ditadura salazarista, necessita do apoio de todos os trabalhadores dos operários, dos camponeses, dos intelectuos e da pequena burguesia.

Existem e re- de 1.600 camaradas presos e perseguidos. A maior parte dêsdes necessita ser auxiliada: O subsidio pr sado pelo S. V. I., é insufficiente, pouco cabe a cada preso ou perseguido.

Camradas, ingressai no S. V. I.!

A cota de 1550, que pagareis, soada a milhares de cot s perseguidos auxiliar os trabalhadores que caem na luta!

Organizai vós mesmos a maior agitação possível para nos arrancarem desta masmorra. Tereis, assim, mais umas centenas de camaradas a vosso lado, para derrubar mos juntos a ditadura e, com ela, o capitalismo que nos asfixia.

(Continua na 5ª página)

## Tudo isso vos foi arrancado da pele!

A campanha comiceira, conduzida, pela ditadura, em torno das eleições para a «Assembleia Nacional», foi acompanhada de muitas discursatas dos ministros e da patrulha marcante do Partido do Governo («União Nacional»). Milhares e milhares de papeis foram afixados nas paredes das cidades e de todos os cantos do país.

A cada esquina era dito ao bom povo:

«A dívida flutuante reduziu-se a zero!». «Houve 130.000 contos de saldo na última gerência, o que elevou a 717.000 contos as receitas arrecadadas nos seis últimos anos de Administração Salazarista!». «Já não é importado trigo do estrangeiro!». «Constroem-se e reparam-se estradas e ressurgiu a Marinha de Guerra!». «Fundam-se escolas em todo o país!».

A questão que se põe, trabalhadores, é a seguinte: Quem pagou isso tudo?

Vejamo-lo em poucas linhas.

Nos cinco anos decorridos, desde 1929, a crise cresceu, nos domínios do comércio exterior. Entre 1926 e 1933, as importações reduziram-se de 2.431.000 contos. E as exportações tombaram de 770.000. Só entre 1932-33 e 1933-34 a exportação de conservas baixou de 43.933 toneladas, para 29.274 (35,5 por cento!). A exportação de vinhos do Portodecaiu de 4.163.636 decalitros para 3.593.862 (13,7 por cento). O comércio com as colónias (importações e exportações reunidas) reduziram-se de 40.641 mil contos, nos primeiros meses deste ano, em relação a igual período do ano passado. O volume da produção industrial do país não tem deixado de cair (100 por cento em 1929-30, 55 por cento em 1930-31, 81 por cento em 1931-32, 78 por cento em 1932-33 e 74 por cento em 1933-34). A contribuição predial, em crise, rendeu este ano menos 17.500 contos.

No meio de toda esta redução de valores no campo da economia do país, as receitas gerais do Estado foram elevadas de 3.289 mil contos no período que se estende de 1928 a 1933-34.

Como foi conseguido este aumento de receitas, em pleno campo de desmemoramento da economia nacional? Quem pagou para esta elevação das receitas do Estado, se, no meio do crescimento da crise económica e das cargas tributárias sobre a economia nacional, um bom número de empresas capitalistas ainda viram aumentar-se-lhes os lucros?

Esse aumento de receitas, donde resulta o còro fascista, da «redução a zero da dívida flutuante», dos «saldos de milhões», etc., etc., foi todo ele conseguido por meio do agravamento das contribuições e dos impostos indirectos, que afixam as massas pobres.

Quem pagou fostes vós, e só vós, explorados e oprimidos!

Pagaram os camponeses, sob a forma de agravamento das contribuições e impostos sobre as suas terras!

Pagaram os consumidores, em geral, sob a forma de novos impostos de consumo e da elevação do custo da vida!

Pagou a classe operária, sob a forma de reduções de salários, do aumento da exploração patronal e estabelecimento do trabalho

forçado nos serviços das estradas dos campos e dos trabalhos públicos!

Tôda a propaganda comiceira que a ditadura fez em volta das eleições, só veio pôr a nu, mais uma vez, esta grande verdade: os pobres estouram de fome e de cansasso (?), sob o agulhão patronal, enquanto os capitalistas e o seu Estado enriquecem, como jâmais foi visto, através de todos os tempos.

— Há finanças equilibradas e os saldos já montam a milhões?!

— Passaram-se os maus dias e reanimam-se os negócios?!

— Há trigo e produção de sobejo?!

Pois muito bem! Isso quer dizer que chegou a hora de cuidar-se a sério da elevação do nível de vida da totalidade da população pobre, proletária e camponesa do país.

A pé! explorados! Não vos contenteis com paliativos fascistas!

Agrupai as vossas forças, xêbaixo da bandeira do Partido Comunista Português.

Por uma larga campanha de inverno:

Pela elevação dos salários da classe operária!

Pelo pão, pelos alojamentos e pelos agasalhos para os esfomeados!

Contra os descontos de 20%!

Por um socorro aos desempregados, custeado inteiramente pelo Estado, pelos capitalistas e pelos grandes lavradores!

Por um socorro de maternidade à mulher trabalhadora e pobre!

Abaixo o trabalho forçado das estradas, dos campos e dos serviços públicos!

Abaixo o imposto de salvação pública e de «salvação nacional»!

Por uma larga redução dos impostos e contribuições dos pequenos produtores e dos camponeses pobres!

Pelos direitos políticos e sociais para os explorados e oprimidos!

Liberdade de greve, de reunião e de imprensa!

Amnistia total para os presos políticos e sociais!

Contra a guerra e pela defeza da URSS!

Abaixo o fascismo! Frente única! Unidade de acção de classe proletária contra a ditadura!

## Um triunfo anti-fascista!

Fomos assistir à eleição do representante dos estudantes de Direito ao Senado Universitário. A còrja da A. E. V., disseram-nos, tinha desenvolvido uma intensa propaganda a favor do candidato «anti-comunista», como diziam uns impressos que andavam a distribuir.

Mas, apesar da sua propaganda, o candidato da «frente única salazarista», perdeu por 176 votos contra 205! Ainda o resultado não fora pronunciado e os elementos fascistas, prevendo a derrota, procuraram inutilizar a eleição. Mas os seus «vivas» à academia nacionalista, foram sufocados por «morras» à ditadura, ao fascismo e a Salazar e por «vivas» à Academia Revolucionária, ao Comunismo e à URSS, ante o terror do director da Faculdade que presidia à eleição. Após o conhecimento do resultado, a saída do edifício, essas duas centenas de anti-fascistas, soltaram novos e entusiásticos gritos de revolta.

## Hitler, Goering e Goebels foram ou não os incendiários?

A imprensa portuguesa «unifor-misada» acaba de dar guarida nas suas colunas a um documento que «Le Journal», de Paris deu a público no dia 4 deste mês, onde se revela definitivamente que o incendio do «Reichstag» foi uma urdidura dos chefes supremos do Partido Nacional-Socialista.

Este facto reveste-se duma importância, a todos os títulos, histórica. Karl Ernst um ex-chefe das Secções de Assalto hitlerianas afirma no referido documento, e a imprensa burguesa mundial perfilha essa afirmativa, que «as imputações aparecidas na imprensa do mundo inteiro», sobre que o incendio do «Reichstag» fôra obra dos comunistas «eram falsas». «Eu, declara Ernst em confissão póstuma, e 2 camaradas fizemos tudo». Goebels é que urdiu o plano, Goering aprovou e Rohem, Heines, Kollingeh foram cúmplices e o segredo foi comunicado mais tarde a Hanfstag e Sander.

Van der Lubbe não foi mais do que um instrumento nas mãos dos dirigentes supremos do Partido de Hitler.

Tudo isso ressalta do testamento de Ernst.

Karl Ernst ficou a meio caminho. Há um outro personagem que não pode ser afastado do rol dos incendiários — Adolfo Hitler. Alguns dados directos abonam esta afirmação, de resto já inteiramente acolhida pela opinião pública mundial.

«Em 1930, Hitler declarava ao Tribunal do Império que nada se passava no movimento nazi, sem que eu o soubesse» (Do Livro Castanho). Isto já é um começo de confirmação do que acima afirmamos sobre a cumplicidade de Hitler, mas há mais. «Apenas haviam decorrido vinte a trinta minutos após a descoberta do incendio do «Reichstag», quando Hitler chegava ao local do sinistro. Imediatamente virou-se para von Papen e disse: 'E' um sinal de Deus. Ninguém nos impedirá agora de aniquilar os comunistas com uma mão de ferro» (idem).

Hitler falou demasiado depressa e sem quaisquer provas, a propósito do apuramento da «responsabilidade» dos comunistas no incendio em questão. O interrogatório de Van der Lubbe «objecto» de investigação das provas jurídicas sobre os responsáveis do incendio do «Reichstag» durou até à manhã do dia seguinte. Hitler, ao fazer uma acuzação sem provas aos comunistas, não conseguiu senão revelar que a questão do incendio do «Reichstag» não havia passado duma provocação monstro preparada por ele e pelos seus lugares-tenentes contra o valente Partido Comunista da Alemanha.

O documento que os jornais há

**Os burgueses horrorizam-se quando constatarem que queremos abolir a propriedade privada. Mas, na sociedade burguesa a propriedade privada está abolida para 90% dos seus membros.**

**O que queremos é expropriar estes 10% em benefício de toda a sociedade.**

pouco deram a público não veio senão emprestar um caracter de verdadeira apoteose à acção mil vezes heroica e enérgica do Partido Comunista da Alemanha e de Dimitroff, de desmascaramento dos verdadeiros incendiários do «Reichstag». Não veio senão elevar ante o mundo inteiro o prestigio do Contra-Processo de Londres e confirmar a linha de justiça do pensamento moderno do Tribunal Mundial de julgamento do nazismo, que há pouco se reuniu.

Porque essa revelação nada traz de novo à prova jurídica, sobre o incendio do «Reichstag», encerrada no «Livro Castanho». O próprio Ernst fôra denunciado no contra-processo de Londres. «O chefe de secção de assalto, Ernst, conhecia o plano de Goering e de Goebels. E' e tinha recebido o encargo de fazer dos seus homens os arautos do incendio comunista» (Do Livro Castanho).

A questão do documento Ernst resume-se, no fundo, ao seguinte: Os incendiários Hitler, Goering, e Goebels, ainda que tivessem urdido a façanha com a maior das astúcias, não conseguiram desfazer até por umas horas as pégadas da sua culpabilidade. Do próprio campo da industria pezada (Deutsche Allgemeine Zeitung) e do campo do Partido Nacional Alemão (Dr. Oberfohren) surgiram as primeiras revelações contra o nazismo. O número dos cúmplices era grande e isso complicava a questão, se bem que se tratasse de «camaradas». Bell, Hamssen, Dr. Oberfohren e mais tarde Rohem, Ernst, etc., fôram fuzilados.

Era a loucura dos criminosos, que queriam lavar as mãos do crime que haviam urdido e praticado.

As armas do hitlerismo viraram-se porem, contra o proprio hitlerismo. A Alemanha é actualmente dirigida pela escumalha do capitalismo chegado ao maior grau de apodrecimento.

As massas alemãs dão-se conta do facto. Por cada dia que passa desmorona-se o poder de Hitler. E' face á Alemanha hitleriana que apodrece ergue-se a nova Alemanha proletária e camponesa guiada para a Revolução Sovietica pelo Partido Comunista.

P.S. O orgão da Moagem e paladino da patrulha dos Salazares «Diario de Noticias» tratou Van der Lubbe como sendo um jovem comunista. Compreende-se-lhe o alcance, Van der Lubbe numa febre pequeno burguesa de «pontificar» fizera-se, com «efeito», membro J. C. holandesa. Em 1929 dirigia, porem, uma carta á J.C. onde dizia: «São coisas que provam que eu não sou um bom bolchevique. Eu sinto que presentemente não o sou... eu não o serei jâmais.»

«Até ao fim do ano (1932) comenta o «Livro Castanho» — ele (Van der Lubbe) — fez várias viagens. Em todas as cidades tomou parte em reuniões como orador — os seus discursos eram cheios de ataques aos Partidos Comunistas.»

Van der Lubbe, como foi provado mundialmente, era um anti-comunista. E as suas ligações com os quadros supremos do Partido hitleriano provieram em primeiro lugar da sua aberração homosexual que o fizera aproximar de Rohem, antes de tudo.

### Cerrai Fileiras em volta do "AVANTE!,"

«AVANTE!» é feito com os centavos dos operários, dos camponeses e dos camaradas pobres da pequena burguesia. E' d'êles que recebemos, centavo a centavo, o dinheiro, para a manufactura do jornal. Os camaradas que, não compreendendo isso se esquecem do pagamento da imprensa revolucionária, prejudicam não só o desenvolvimento do Partido e da revolução, como ainda destroem os esforços dos que se sacrificam para isso.

A maior parte das vezes trata-se dum desleixo; mas esse desleixo é inadmissivel e não podemos permittir que esta situação continue, sob pena de termos que diminuir a tiragem para 3.000 exemplares, e de reduzir as páginas, de 6 para 4 e, possivelmente a suspender o jornal.

A divida total, em relação á nossa editorial é de 2.723\$00.

E' necessário não só pagar essa divida mas ainda auxiliarem-nos, contribuindo todos os camaradas, com donativos e entuzaos.

Porque se atrasam os camaradas? Quando comp am um jornal burgues (e fazem-no com frequencia) não o pagam logo? Porque não pagar os jornais revolucionários?

Os responsáveis pela venda devem exigir o pagamento immediato e explicar aos camaradas sem partido porque o fazem.

Os manifestos são gratis, mas os jornais leem que ser pagos porque além de pagarem o seu custo devem dar lucro para alargar a sua organização e a do Partido.

O pagamento da divida atraz mencionada e o pagamento regular das encomendas, significa:

**Aumento de tiragem e conservação das seis paginas!**

O contrario significa:

**Diminuição da tiragem para tres mil exemplares e redução do numero de paginas para quatro e, possivelmente, a suspender o jornal.**

**Camaradas, fazei viver "Avante!," Jornal da Revolução!**

#### CORRESPONDENTES OPERÁRIOS

Duma maneira geral só conseguimos noticiário quando nos dirigimos directamente aos locais trabalho. Mas, isso nem sempre nos é possível, como os camaradas devem compreender. Necessário se torna, pois, que quer das fabricas, das escolas ou dos campos nos enviem pequenas notas sobre o que se passa.

Não nos enviem artigos abstratos mas tratando de questões concretas que interessem aos nossos leitores. Digam-nos como vivem; contem-nos como são explorados onde trabalham.

Cada leitor do « AVANTE » deve procurar informa-lo o melhor possível. Teremos assim uma rede de correspondentes atravez de todo o país e aproximarmos-nos cada vez mais dos trabalhadores.

**Quando acabares de ler o teu exemplar não destruas, manda-o a um amigo teu, pelo correio, num envelope fechado, pedindo-lhe que faça o mesmo.**

## Os comunistas e o movimento sindical

Quais são as bases essenciaes em que deve assentar a reacção, contra a situação apontada nos artigos anteriores?

1.º Nenhum Comité, nenhuma célula do Partido, por mais pequenos que sejam, deve deixar de ter um dos seus membros dirigentes, como especialmente responsável pelo trabalho sindical. Nas pequenas aldeias e vilas não industriais, se se trata de um pequeno comité ou direcção, de 3 membros, o responsável pelo trabalho nas organizações de massas pode dispensar o responsável sindical; mas nas vilas e nas cidades industriais, o dirigente responsável sindical, ainda que se trate de um comité de 3 membros, não pode nem de ve acumular a direcção de outro trabalho;

2.º Cada novo membro do Partido, ao ingressar nêle, deve receber uma tarifa numa organização de massas. Isto é condição essencial para se ser membro do Partido. Não queremos simples cotisantes. O Partido, sobretudo na ilegalidade, é uma organização de militantes. O camarada que vem ao partido e não se sente capaz de desempenhar trabalho numa organização de massas, vem enganado. Isto só demonstra que a actividade da célula que o recruta deixa muito a desejar, como verdadeira célula do Partido, como centro nervoso das organizações de massas que existem á sua volta.

3.º Nas cidades e vilas industriais bem como nos centros onde predominam assalariados agricolas, 60% pelo menos, dos membros do Partido devem ser lançados no trabalho sindical; trabalho activo, permanente, sistemático. Todos os operários membros do Partido ou candidatos, devem filiar-se no Sindicato ou no Grupo de Defeza Sindical. Se este não existe, com dobrada razão, devem ser lançados na sua organização. O facto de que exista um comité regional ou comité local e uma célula de fábrica e não existam, no plano respectivo, uma união regional sindical, uma secção sindical de fábrica, indica que o trabalho da respectiva organização é deficiente e que que é preciso concentrar todos os esforços do Partido para eliminar essas deficiencias.

4.º Cada comité do partido deve tomar como ponto decisivo, do seu desenvolvimento e da sua bolchevização, o recrutamento dos operários industria predominante, do seu sector e a organização do respectivo sindicato ou Grupo de Defeza Sindical. No Barreiro, temos ferroviários, corticeiros e a C. U. F.; em Setubal, pescadores e conserveiros; em Beja, assalariados agricolas; em Silves, corticeiros; etc

Aqui estão os pontos decisivos que é preciso penetrar, organizar, dirigir; aqui está a *pedra de toque*, essencial do bom ou mau trabalho do Partido.

Estes são os principios essenciaes que se impõem a todas as nossas organizações, para reagir contra o actual estado de coisas.

E', porém, necessário pôr os nossos camaradas em guarda contra um certo numero de erros e desvios que habitualmente se apresentam, na pratica, e que castrariam o esforço que vamos fazer.

Nós não organizamos por organizar; *organizamos para a luta e pela luta*. Assim, quando focamos essas questões no terreno da organização, de modo nenhum as separamos da questão da organização das lutas economicas e politicas dos operários; pelo contrario; a viragem da nossa actividade para o terreno sindical, a execução dos principios acima enunciados, significa que devemos prestar uma cuidadosa atenção á condução das lutas parciais dos trabalhadores; significa que toda esta organização se deve fazer *à base disso e para isso*. Isto coloca o problema de unidade, dos comités de luta, dos comités de fábrica, assunto que analisaremos proxima mente. Há casos em que uma organização do Partido, criticada pela deficiencia de actividade no terreno sindical «resolva» o assunto duma maneira diametralmente oposta ao que se exige. Por exemplo: em tal fábrica existe uma célula do Partido; há um sindicato ilegal e aquela fábrica não tem a sua secção sindical de fábrica. Então a célula constitui-se, ela própria, em secção sindical de fábrica pela qual responde: Pronto; já temos a secção sindical de fábrica! O mesmo em relação a um sindicato, GDS ou comité local sindical. Ora isto não é organizar o trabalho do Partido, nos sindicatos. Isto é fazer do Partido o sindicato. Isto é repetir os erros que temos apontado. A organização da secção sindical da fábrica, dum sindicato, presuppõe uma ampla mobilização das massas sem partido; presuppõe a participação, no trabalho, duma grossa maioria de operários sem partido. Se isto se não fez, ou não conseguiu, não temos «sindicato», não temos «secção sindical» por mais que lhe queiramos dar estes nomes.

No próximo numero analizaremos outros erros da questão sindical.

## Da imprensa estrangeira

### O movimento sindical

«La Vie Ouvriere», orgão da Confederação Geral do Trabalho Unitária, dedica um longo artigo, num dos seus números de Novembro, ao movimento sindical, no nosso país.

Põe em destaque o esforço formidavel da Comissão Inter-Sindical que, rapidamente, reconstruiu a sua organização após o 18 de Janeiro, a directriz revolucionária que imprime os sindicatos ilegais, de maior população operária que os «sindicatos nacionais», fabricadas pelo «Estado Novo»; e ainda a imprensa sindical ilegal, publicando uma fotografia de «O Proletário da «Unidade», do «Electric» e do «Metalurgico».

### Por uma acção Internacional de ajuda ao movimento proletário português!

E' o titulo com que a «Correspondencia Internacional», edição francesa, nº 108, publica o apêlo feito pelo Secretariado do nosso Partido aos trabalhadores de todo o mundo e cujo extracto publicamos no nº 2 do nosso jornal.

N. R. A luta pela libertação dos nossos camaradas presos, adquire importancia internacional e transforma-se na bandeira em volta da qual se congregam todos os esforços para o derrubamento da ditadura. Esta acção, ligada á luta pela libertação de Thälmann e dos anti-fascistas alemães, dos soldados búlgaros, dos mineiros das Astúrias, dos combatentes de Fevereiro na Austria, etc., é fundamental na luta contra o fascismo mundial.

E' necessário não desancarmos; é necessário prosseguirmos a luta até alcançarmos os nossos objetivos

### Salvemos Simon Diaz!

«L'Humanité», orgão central do Partido Comunista Francês, publica no seu numero de 23/11/34, um artigo com este titulo no qual se refere á extradição do camarada Diaz, secretário do Comité Regional das Astúrias, do P. C. Espanhol. Denuncia o acôrdo entre os Governos de Lisboa e Madrid, segundo o qual trocaram revolucionários portugueses refugiados em Espanha, pelos camaradas espanhóis presos em Portugal. Diz que só os reaccionários encontram asilo em Portugal. Dá nota das últimas condenações dos camaradas: Francisco Rodrigues e José Lustosa a dez anos de deportação; Armino Figueira a trez anos; Artur Gomes a dois anos e meio; Mário Ranito, António Branco, Raúl Correia, José de Sousa e Alice Machado, julgados á revelia, todos condenados a 18 meses de prisão e á perda de direitos politicos por cinco anos.

E termina: «Apesar deste terror, os trabalhadores portugueses dão-nos um bello exemplo de solidariedade para com os combatentes de Espanha:

Constituiram-se comités de ajuda e de defeza, especialmente no norte (Porto). Mantem os refugidos

(Continua na 6.ª pagina)

## Mineiros espanhóis homisiados em Portugal

Correspondendo ao apêlo do «Avante!», publicado no último numero, recebemos algum dinheiro, destinado aos camaradas refugiados em Portugal:

Camarada Almeida . . . . .	20\$00
Camarada Luiza . . . . .	11\$50
C.R. de Lisboa . . . . .	71\$00
	102\$50

Importância esta que, por nós, foi entregue ao Comité de Ajuda (S. V. I.)

Camaradas, ajudai os nossos companheiros espanhóis, heroicos combatentes das Astúrias, pelo pão pela terra e pela liberdade. Ajudai-os a lutar; sem a vossa ajuda eles serão presos e entregues ás autoridades espanholas, pois não terão possibilidades de se occultar.

**Todos os trabalhadores devem contribuir!**



## Governo de Salazar, governo de farçada!

No cidade de Beja, informam-nos que entraram 533 listas eleitorais. Os dados oficiais dão 9.000 votos no Distrito de Beja! Em Garvão comarca de Ourique, entraram 18 votos pró e 17 contra. Nada é dito, oficialmente, a este respeito. No Barreiro, registou-se o seguinte: Dos caminhos de ferro não votaram mais de 5% dos que tinham capacidade de voto. 50% das listas foram depositadas na urna por analfabetos e, na maioria, pessoas que não residiam no Barreiro segundo o tempo que é estabelecido pela lei. Como foi arranjado isto? O guarda-portão da C.U.F. (que é da grei) dirigiu-se aos serventes, ha pouco em serviço na fábrica, e disse-lhes: «já foste votar?» Ainda não, senhor.

—Pois toma (e apresentava uma lista) vai lá e diz que vais da minha parte...

Entraram centenas de listas com palavras de ordem do Partido. As notícias oficiais não referem nada disto.

Alguém da mesa eleitoral confirma que tinham fecebido ordem para fazer «chapelada».

Numa localidade do Alentejo pas sou-se o seguinte: «os da grei» foram ali e dirigiram-se a uma pessoa de influência. Pediram-lhe o voto. Tiveram por resposta: «Não vou porque eu já não sou industrial há anos e entretanto fizeram-me pagar a contribuição industrial este ano».

Passados dois dias recebeu um telegrama, onde lhe era dito que não tinha direito a voto. Foi inquirir porque é que assim acontecia. Têve por resposta: «E' porque você faz propaganda, contra o Estado Novo, nas tabernas...»

Por fim, a relação ultimamente fornecida a público, com o relato do resultado total das eleições, revelou um facto que ainda não tinhamos apontado: Em todo o «Império» votaram cerca de 50.000 indivíduos.

E é a isto que se chama «realidade» de um império?

## UM DOCUMENTO INÉDITO

(Continuado da 1ª página)

minham os seus esforços para que amanhã (após a revolução) eles não sejam de novo iludidos pelos Favre e pelos Piat. Trata-se simplesmente de saber que política se deve seguir, uma política exclusivamente proletariana, e não uma política a reboque da burguesia.

—Eles propagandeiam a abstenção da política, porque, segundo eles, o resto é o mesmo que o reconhecimento do estado de coisas existentes. O que existe existe, e não se preocupam, de modo nenhum, se nós o reconhecemos ou não. Mas se nós utilizamos os meios que nos são facultados pelo existente para a luta contra si, a isso poderá chamar-se reconhecimento?

(2) Julio Favre, republicano-francês, braço direito de Thiers no período do esmagamento da Comuna.

Felix Piat, radical francês, pequeno burguês.

## O plebiscito do Sarre

E' dum grande significado político o plebiscito do Sarre, que agora se vai realizar. Dum lado, as hordas nazis defendendo o regresso do Sarre à Alemanha; do outro a «Frente da Liberdade», defendendo o «statu quo», isto é, a independência do Sarre, ante a ameaça dos fascistas da França e da Alemanha.

Foi esta independência que Litvinof defendeu na SDN, com grande indignação da Inglaterra e da Italia e pela qual luta a frente unica que, como tudo indica, será a vencedora do plebiscito.

No grande «meeting» do dia 6, ao qual assistiram 90 mil pessoas, os trabalhadores do Sarre juraram votar pelo «statu quo»!

## Sobre os boatos de «entendimento»

Aqui e ali, principalmente em Lisboa, vêm fervilhando boatos, segundo os quais o P. Comunista e os chefes republicanos teriam chegado a um acordo.

Estes boatos procedem, directa, ou indirectamente das próprias sugestões de algum de entre tais chefes republicanos.

Que vos convem que respondamos senhores revirralhistas?

Por exemplo, que digamos — o que é verdade — que entre nós e os senhores não se chegou a qualquer acordo; ou — o que não é verdade — que entre nós e os senhores se chegou a um acordo, porque os senhores se comprometeram a relargar a táctica putchista; que se comprometeram a lutar e a aconselharem a lutar os que vos seguem:

Contra o fascismo! Contra a guerra! Pela amnistia! Pela defeza da URSS!

... que realizam esta luta também sob o signo da unidade de acção de classe proletária; e, finalmente que foi reconhecido o direito a cada uma das partes de conduzirem em plena liberdade, o seu trabalho de propaganda, de proselitismo e de critica aos que infringem as condições daquele acordo?

Breve trataremos o assunto mais em detalhe.

## Dezenas de milhares de «não»!

Realizando-se a 17 de Fevereiro a eleição para Presidente da Republica. E' necessário que todos os anti fascistas manifestem a sua não concordância com a camarilha Salazar — Carmona, depositando nas urnas milhares de «não»!

Até lá os camaradas com capacidade eleitoral devem inscrever se no recenseamento e lembrar a todos os anti-fascistas a vantagem de se inscreverem.

Em massa, pois, ao recenseamento eleitoral nas Juntas de Freguesia!

## Salvemos Simon Diaz!

(Continuado da 4ª página)

dos espanhóis e livram-nos da policia de Salazar.

Accentuamos aqui esta solidariedade internacional. Lutemos para arrancar Simon Diaz e todos os presos das prisões espanholas; lutemos pelo direito de asilo para os refugiados!

## Os marinheiros rebelam-se...

VILA FRANCA DE XIRA — Em virtude das últimas disposições do Ministério da Marinha, foram cortadas as passagens ás praças. Até aqui, o Estado custeava as passagens do comboio, desta vila para Lisboa.

Esta medida causou vivo descontentamento entre os marinheiros que se declararam em greve, recusando-se a saírem da base.

A atitude dos camaradas marinheiros demonstra bem como são recebidas as disposições dos mandamentos do Estado Novo.

A própria força armada, apoio unico da Ditadura, e tora cada vez mais hostil ao Governo de Salazar.

Camaradas das outras unidades navais e terrestres, segui o exemplo dos marinheiros de Vila Franca.

## Uma greve numa fabrica de cortiça

MONTIJO — Uma das fabricas da vila teve que fechar as portas. Os operários, como não fossem atendidas as suas reclamações, declararam-se em greve. Pedem que lhes sejam aumenta os salários miseráveis que hoje auferem.

Camaradas nomei um «Comité de Greve» ele to por todos os camaradas e que dirija a greve. Façam com que os operários das outras fabricas se solidarizem convosco, lutando pelo aumento dos seus salários. Não volta ao trabalho enquanto as vossas reivindicações não forem satisfeitas!

## Trabalhadores! Lêdo O Proletario Orgão da C. I. S.

## Orçamentos militares

Entrou já em conclusão a 1ª parte do programa Naval. Nos últimos tempos procedeu-se a uma corrida á motorização do exercito. Militarizou-se a policia de segurança e o próprio corpo de Bombeiros. Discute-se a unificação do exercito metropolitano e colonial. Os generais e os chefes do «Estado Novo» falam abertamente dos objectivos da guerra do capitalismo português. Prometeu-se um novo manancial de atenções para o exercito. Diz-se que o Governo Salazar pensa contrair um empréstimo de 10 milhões de libras, 8 milhões dos quais deverão ser fornecidos sob a forma de material de guerra.

Urge rechaçar, cada vez mais a politica de guerra do capitalismo português.

Como lutar contra a guerra, trabalhador e explorado?

Em primeiro lugar lutando pela elevação do teu próprio nível de vida e pela liberdade de expressão do pensamento, de reunião e de greve.

Em segundo lugar manifestando por meio do teu protesto, até individual, o teu desaccordo com a politica de guerra.

Em terceiro lugar de i lind, firmemente não tomar parte na guerra dos capitalistas.

## A construção do socialismo

(Continuado da 2ª página)

linhas de penetração; substituir-se-ão 20.000 quilómetros de linha-reduzida por outros tantos de via normal. A totalidade da rede ferroviária deverá passar de 83.000 quilómetros para 94.000.

Formar-se-ão 5.000.000 de operários de qualificação corrente. O numero de especialistas em todos os ramos da economia nacional elevar-se-á de 2,7 milhões para 4.000.000. Promover-se-ão entre 1933-37, 340.000 especialistas saídos das escolas superiores e 850.000 saídos dos institutos técnicos.

As verbas consignadas ás novas construções cifram-se em 133,4 biliões de rublos, contra 50,5 biliões do primeiro plano quinquenal. As emprezas novas e reconstruidas no segundo plano quinquenal, deverão atingir o valor de 132 biliões de rublos, contra 38,6 biliões em 1927-32.

O capital fundamental da URSS de 53 biliões de rublos no primeiro plano quinquenal, a 193 biliões no segundo.

O numero de operários e de empregados elevar-se-á de 26%. Será dobrado o salário dos operários. Os preços dos artigos de detalhe reduzir-se-ão de 35%. As despesas com os seguros sociais, instrução pública, protecção da saúde, elevar-se-ão de 4,3 biliões de rublos para 9,3 biliões. Além da liquidação total do analfabetismo, em geral, e do semi analfabetismo entre a população adulta, instituir-se-á o ensino politécnico geral obrigatório. O numero de estudantes de todos os graus deverá passar de 24,2 milhões a 36.000.000. Elevar-se-á o numero de clubs a 10.900 e o de bibliotecas a 25.000. O numero de leitos nos hospitais elevar-se-á de 44% nas cidades e de 98% nos centros rurais. O numero de lugares nas creches elevar-se-á de 164% nas cidades e de 120 nas regiões rurais. Mais 104 cidades ficarão com um serviço de distribuição de água. As cidades servidas por carros electricos deverão passar de 20 a 70.

A venda nacional da URSS elevar-se-á de 455, biliões de rublos em 1932 para 100 biliões em 1937. Isto é, terá um aumento de 2,2 vezes. E a parte do fundo de consumo de massas, proveniente deste aumento será aumentada de 2,4 vezes.

Eis um breve resumo desses progressos gigantescos propostos pela grande patria dos operários e dos camponeses para um breve intervalo de cinco anos. A agricultura tornar-se-á totalmente socialista.

O mar imenso do progresso sovietico transforma-se numa arma poderosissima, frente ao mundo burguês que derrui.

**Não se vence com uma vanguarda apenas. Arromessar só a vanguarda na batalha decisiva, enquanto toda a classe, enquanto as largas massas não concedem o seu apoio directo á vanguarda, ou pelo menos não observam uma neutralidade benevolente em relação a ela ou sustentam ainda relativamente o adversario, isso será não somente estúpido mas criminoso.**

Lenine